

ARAUJO PEREIRA

Estimado professor e glorioso encenador teatral, a quem os
seus discípulos vão, no dia 25, dedicar uma festa,
no Teatro Ginásio

Núm.º

8

(V Série)

ALMA

n o v a

Preço

2

Escudos

<p>ASSINATURAS (Pagamento adiantado)</p> <p>Cont. e Ilhas Col. e Esp. Estr.</p> <p>ANO (12 N.ºs).... 20\$00 25\$00 30\$00</p> <p>SEM. (6 N.ºs).... 10\$00 — —</p> <p>NÚMERO AVULSO 2\$00</p>			<p>ALMA NOVA</p> <p>Fundador - Gerente: Mateus Moreno Administrador: Manuel A. Coutinho Junior</p> <p>Direcção: Dr. Emilio Salgueiro, Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno.</p> <p>Redactores - Secretarios: Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt.</p>		<p>REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA</p> <p>Travessa de André Valente, 7-1.º E.</p> <p>LISBOA</p> <p>Propriedade e Edição da Cooperativa Tipografica e Editora "RESSURGIMENTO"</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

S u m á r i o

Capa — Araujo Pereira	FOTOGRAFIA DA ROYAL - PHOTO.
De tudo um pouco	MEFISTOFLES.
Através do mês	MATEUS MORENO.
Dr. Pedro Monteiro — O Professor e o Homem.	Dr. SIMÕES RATOLA
Pelas classes trabalhadoras: Medidas que dignificam	ASCENSÃO CONTREIRAS.
Notas filológicas: O Segredo de Amor na poesia	
culta e na popular	JOÃO DA SILVA CORREIA.
Página do Porto: Fantoches de «Cabaret»	GUEDES DE AMORIM.
Como eu descobri a Inglaterra: A City Nocturna.	REBELO DE BETTENCOURT.
A Arte e o Riso (Continuação)	ARLINDO CAMILO MONTEIRO.
Províncias, I has, Colónias: Impressões duma viagem	
aos Açores (Conclusão)	M. GOMES DOS SANTOS.
O Teatro: Araujo Pereira, Eduardo Scarlatti, etc.	REDACÇÃO.
Actualidades (Notas gráficas do mês)	FOTOGRAFIAS.
Em hors-texte: Conclusão, guardas e capa da Comédia em 1 acto <i>Lua de Mel</i> , de Victoriano Braga.	

DE TUDO UM POUCO...



RECETA PARA EVITAR
OS DESGOSTOS
FAMILIARES

EXOTISMOS DA MODA



Duas elegantes parisienses no seu passeio matinal

VEM nos jornais, não é inventado... O Doutor Cathcard, da Sociedade de Ciências Médicas de Londres, acaba de descobrir no açúcar certas virtudes ocultas que deixaram de cara á banda todas as Mesdames Brouillards e quejandas virtuosas...

Diz o sábio clínico, que o homem ou mulher que sofram os pesares mais fortes, se transformam em pouco tempo nas criaturas mais felizes deste mundo, pela simples administração, a ocultas do paciente, de um pouquinho de calda de açúcar em todos os alimentos.

Quem te desse um... caldo, doutor Cathcard!

MEFISTOFLES

“A GAROTA”



ESTA nossa simpática colega, que há alguns meses não nos dava o ansiado encanto da sua visita, reaparece enfim nos começos do mês proximo, e garantem-nos que vem ainda mais azougada e travessa, — um amôrzinho, mesmo.

A nossa êndiabrada amiguinha visitará todas as pessoas que nos mandarem a sua direcção.

ERRATAS DESTE N.º: Pag. 5: 1.ª col. l. 4, *exelsa* em vez de *excelsa*; na 2.ª col. l. 4, *Mereceu* em vez de *Merecem* e *unânime* em vez de *unânime*.

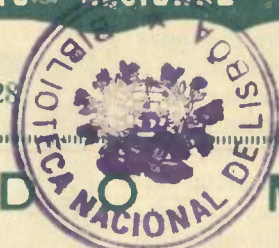
ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

V SERIE

Lisboa, Maio de 1928

NUM. 8



A T R A V É S D O S M Ê S

"O ECO NACIONAL"



orçando a crise económica que o país atravessa a reduzirem todas as classes as suas despesas ordinárias, a partir deste número a «Alma Nova»

passa a publicar-se apenas semestralmente, em um luxuoso tomo colaborado pelos nossos melhores nomes das letras e das artes, substituindo-se na sua propaganda em prol do Ressurgimento pela «edição popular», que lançará no mês próximo, sob o título O Eco Nacional.



COLABORAÇÃO

Por falta de espaço não nos tem sido possível publicar os belos artigos "Cartas de Amor em Portugal", do Dr. Julio Dantas; "A última entrevista de Guerra Junqueiro", pelo Dr. Luis d'Oliveira Guimarães; "Chaminés de Portugal", de Luis Chaves; "Alma Nova", conto de Eduardo Frias além de outros valiosos estudo já em nosso poder.

Com a próxima saída do nosso suplemento "O Eco Nacional" daremos-lhes a imediata publicação.



DR. ASCENSÃO MENDONÇA

1.º Assistente da Fac. de Ciências da Univ. de Coimbra, que acompanhou o Sr. Dr. L. W. Carrisso na sua viagem de exploração botânica através de Angola e que no próximo n.º continuará nestas páginas as suas impressões da referida viagem

VIDA ACADÉMICA

A Federação Académica de Lisboa está empenhada na urgente fundação da "Residência dos Estudante" em Lisboa, ideia há muito debatida e que de novo toma vulto, com possibilidades êxito.

Voltaremos ao assunto.



A "CASA DO BRASIL"

Éis outra bela iniciativa a que está dando o seu melhor entusiasmo a elite do pensamento português.

A formosa ideia tem o patrocínio do grande matutino "Diário de Notícias", o que é já de si razão mais que suficiente para confiarmos no seu triunfo.



PEDRO MOREIRA

Apassionado literato e espírito de artista, que em França, no desempenho das suas funções de Consul de Portugal em Cêtte, tem revelado excepcionais qualidades, inspirando a acção no desenvolvimento económico do país.

EM DEFESA DO LIVRO

A Associação de classe dos Livreiros de Portugal inaugurou, com a assistência do Sr. Ministro da Instrução, uma série de conferências em defesa do livro, tendo acedido gentilmente a iniciar a referida série, a conhecida e ilustre escritora Sr.ª D. Ana de Castro Osório.

Sobre este assunto, quanto a nós, cremos que só há defesa possível do livro, quando não deixar de haver, da parte dos Governos, defesa exclusiva do interesse dos papeleiros.



DR. L. WITTNICH CARRISSO

Prof. da Fac. de Ciências da Universidade de Coimbra, que realizou uma viagem de estudo a Angola e que brevemente vem a Lisboa fazer uma conferência sobre aquela nossa importante colónia.

LUSO-IBERISMO

É do maior interesse para a expansão do livro português—único meio prático de demonstrarmos o que intelectualmente valemos—a próxima exposição de livros portugueses que vai realizar-se em Madrid e a que podem e devem concorrer todos escritores e todos os livreiros com 1 exemplar de cada livro que desde 1900 até hoje tenham publicado.



BIBLIOGRAFIA

Aguarda há meses referência crítica na nossa redacção uma formosa novela do conhecido escritor insulano Manuel da Câmara, com a título A Morgadinha do Valongo. É uma peça literária que muito honra o seu autor e onde nos são reveladas qualidades de novelista muito apreciáveis.

A acção do drama, desenvolvida com imaginação fértil e acerto histórico, é sugestivamente emoldurada em curiosos quadros da terra e da vida açorianas, nelas vivendo e sofrendo com expressão bem marcada as suas figuras principais. Prosa simples e vernácula—prosa de quem sabe manejar a pena e molhá-la no sangue rubro, das emoções sádias.

No próximo n.º far-se-há referencia aos restante livros recebidos. M. M.

VIDAS QUE PASSAM — EXEMPLOS QUE FICAM

Dr. Pedro Monteiro

O PROFESSOR E O HOMEM

FOI o Dr. Pedro Monteiro um dos mais eruditos e abalisados professores, cujos actos só serviram para testemunhar os seus altos dons de inteligência e altruistas dotes de alma, as suas qualidades de character são, enérgico e duma rara actividade e persistência.

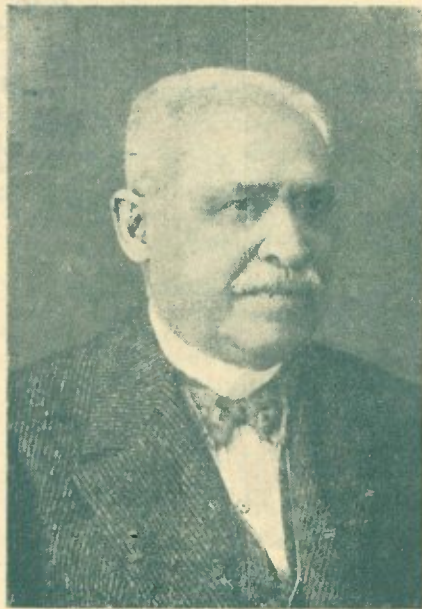
Amigo do seu amigo, dedicadíssimo, pai dos seus alunos, assim se pode chamar ao que se não limitava a *ensinar*, mas a amparar todos aquêles que, dóceis aos seus conselhos e proveitosos ensinamentos mostravam toda a sua boa vontade de trabalhar, de aprender, de instruir-se. Era fácil aprender com êle. Sabedor, metódico, paciente e grande disciplinador, proficiente explicador, tão bem orientava e tão reconhecido isto era, que intuitu-

lar-se discípulo do Dr. Pedro Monteiro equivalia a possuir um diploma de honra; saber-se que alguém frequentava a cadeira regida pelo grande mestre e nela *passava* era o mesmo que garantir-se o saber dêsse alguém. Ninguém ousava duvidar da eficácia das suas lições, pois o mestre ajudava e amparava os estudiosos e trabalhadores, não lhe cabendo no seu modo de ser, animar os que não mostrassem aptidões para o trabalho. A êsses, tratava-os bem, apenas, pois era um Bom.

Foi uma carreira gloriosa, a sua.

Com 20 anos, apenas, concorreu a um lugar de professor de filosofia, no liceu de Santarém. Tão brilhantes provas públicas deu da sua competência, inteligência e saber para o lugar pretendido, que teve de ser nomeado por portaria em que lhe era dispensada a idade legal, sendo mais tarde transferido para o liceu Central de Lisboa onde manteve bizarramente os seus créditos. Foi, depois, reitor do liceu de Santarém e escreveu várias obras didacticas de muito valor, entre elas um Compêndio de Filosofia muito apreciado e usado com grande êxito.

Como homem público também há muito que dizer do Dr. Pedro Monteiro. No período que vai de 1888 a 1890 representou o círculo do Cadaval na Câmara dos Deputadas. Mais tarde e em épocas sucessivas exerceu os importantes cargos de vereador da Câmara Municipal de Santarém, presidente da mesma Câmara, vogal da Comissão Distrital, procurador da Junta Geral de Santarém e em todos êstes cargos se impoz pela austeri-



DR. PEDRO MONTEIRO

dade, lealdade e dedicação que punha no cumprimento dos seus deveres, merecendo sempre da parte das colectividades que representou os mais colorosos elogios e as mais amplas simpatias.

Santarém foi para êle a terra-mãe adoptiva, merecendo-lhe grandes carinhos e prestando-lhe os maiores serviços, a ponto do seu Município o reconhecer como filho, dando-lhe o título de «Cidadão de Santarém».

Enérgico, assumiu sempre a responsabilidade das suas palavras e dos seus actos dizendo abertamente o que sentia. A quando da ditadura do Dr. João Franco, e não concordando com ela, saiu do partido progressista em que militava e filiou-se, como protesto, no partido republicano em 1907, donde nunca mais saiu.

onde nunca mais saiu.

A agricultura mereceu-lhe, nas horas vagas do ensino, grandes cuidados, chegando a ser um dos primeiros agricultores do distrito de Santarém. Mas foi um agricultor moderno, empregando todos os processos que o progresso aconselha. Em tudo aprendia e em tudo ensinava; inteligência irrequieta de sábio que se não contenta nunca com o que aprendeu; quere sempre mais. As suas vinhas eram afamadas pela excelência e qualidade dos seus frutos, o que o desvanecia.

E da sua alma, que podemos dizer? Que respondam os pobres das suas terras natal e adoptiva, que o digam os seus amigos a quem êle não deixava de dedicar umas horas todos os dias, que o digam os parentes que hoje deploram a sua perda e choram pe'la ternura alegre e comunicativa que d'êle emanava. Tudo atesta a sua grande alma!

O seu testamento começa por palavra repassadas de saúde e mágua dedicadas á memória de sua espôsa. No seu jazigo em Santarém, no cemitério dos Capuchos, onde, como amigos e gratos discípulos o fomos acompanhar, lê-se a seguinte inscrição:

A sua querida mulher, D. Gertrudes Eugénia Nunes Monteiro, falecida em Santarém a 21 de Agosto de 1899. Dedicado Pedro Monteiro.

Comovente simplicidade de dizeres que vale um poema e em que ressalta a enternecida afeição em que mesmo além-túmulo envolvia a que fôra sua doce companheira.

No testamento, declara sua espôsa *uma mulher*

O Segredo de Amor

na poesia culta
e na popular

Aludem freqüentemente os poetas medievais ao segredo de amor — segredo de que eram escravos, não nomeando a pessoa amada nas suas composições, pois que, como nota o trovador provençal Peire Vidal, não ha que fiar em amigos quando se ama a valer:

Tan vos am de cor e de fe,
Que nulh amic de vos non cre;

e as revelações ou inconfidências são, no delicadíssimo campo das intimidades sentimentais, fonte daquela cópia de desgraças que ante os nossos olhos deslumbradoramente desenrola outro menestrel medievo, o redactor dessa obra tão curiosa e típica *La châtelaine de Vergy*, cujo significativo final é:

Et par cest exemple doit l'en
S'amor celer par si grant sen
c'on ait toz jors en remembrance
que li-descouvriens rien a'avance
et li celers en toz poins vaut.
Que si le fet, ne crient assaut
des faus felons enqueereors
qui enquierent autrui amors.

Ora tal segredo em coisas de amor tem-no o povo também nas suas produções, como se depreende da seguinte quadra, em que ha a ideia das pessoas amadas baixarem os olhos p'ra se verem, a fim de não darem nas vistas:

Quando passares por mim
Baixa os olhos, p'ra me ver:
Podemos andar de amores
Sem ninguem o perceber.

E também o povo voa tão alto como os melhores poetas — que chegam à sublimidade, trágica e por isso mesmo artística, de ocultarem a má-gua de amor, inda da própria pessoa amada. Numa comédia de Alfredo de Musset — *Le chandelier*, Fortunio canta uma canção de amor, em que a ideia de guardar sigilo eterno sôbre o

nome da mulher que bem quere particularmente transparece:

Mais j'aime trop pour que je die
Qui j'ose aimer,
Et je veux mourir pour ma mie,
Sans la nommer.

Por sua vez Felix Arvers diz num soneto das *Heures perdues*, que é a sua melhor composição poética e uma das melhores de toda a literatura francesa:

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère:
Un amour éternel en un moment conçu.
Le mal est sans espoir, aussi j'ai du le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas! j'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtes, et pourtant solitaire,
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu!

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre.
Elle suit son chemin, distraite, et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas.

À l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tous remplis d'elle:
«Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas.

Ora o povo canta igualmente — e não só ocultando da pessoa amada a labareda de amor em que se consome, mas dando-se, ao contrário do último poeta francês, como causa do próprio mal de que sofre, o que mais sublima ainda a sofredora ideia expressa:

Penas do meu coração
Ninguem nas ha-de saber:
Eu as fiz, eu as casei,
Eu as hei-de padecer.

João da Silva Correia

Fantoches de “Cabaret”

Uma sala de «cabaret», ás cinco horas da manhã. É a hora insignificante, sem ruído e sem estranhos. As mesas, despidas, sem toalhas, lembram mulheres nuas, numa atitude acrobática. Em cima delas as cadeiras agrupadas, parecem esqueletos com sono...

Ela e Ele, as duas sombras vivas na penumbra do «cabaret» ceiam bananas com absinto. São negros. São: a bailarina negra e o preto do saxofone, — as duas lampadas que espargiram mais alegria, mais luz, mais côr, na folia da noite.

Ele. — Acho-te hoje muito amavel... Cheguei a perder a esperança de te falar. De vêr a grande e inconfundível bailarina negra sentada à minha mesa...

Ela. — Também eu nunca o pensei... A côr dos europeus atraía-me tanto!... Mas sinto hoje a minha alma tão triste, tão africana...

Ele. — Comtudo, as tuas pernas bailaram esta noite com delírio, loucamente!...

Ela. — Aturdi-me e aturdi-as com a musica. Olha, como agora me estou a aturdir com absinto.

Ele. — Podias sêr mais gentil. Julguei que eu te pudesse interessar mais...

Ela. — Começas, efectivamente, a interessarme. Afastei-me tanto de ti, dos homens da minha côr, que, agora, sinto bem a necessidade de regressar a êles para me defender...

Ele. — Fojes dos homens brancos?

Ela. — Fujo-lhes, para me vingar... Nunca me compreenderam. Nunca me beijaram com sinceridade.

Ele. — Opiniões do absinto que tens bebido...

Ela. — A verdade. Todos me insultaram, lembrando-me a noite escura do meu corpo.

Ele. — Exageras. Bem sabes que nós, os pretos, estamos na moda. As nossas artes são preferidas ás dos brancos. E, pagam-nos muito melhor.

Ela. — Estivemos em moda, é certo. Mas, como todas as modas, tivemos o crepúsculo, a agonia...

Ele. — Os milhares de pretos que estão espalhados pelos «cabarets» de todo o mundo podem desmentir-te...

Ela. — Que me importam os «cabarets»!... A minha desilusão nasceu de tristes conclusões. Todos os brancos que eu amei, que adorei, fugiram-me com uma displicencia de quem deixa um luto forçado.

Ele. — Devias contar com as excepções. A Josephine Baker conseguiu atrair um branco. Um branco definitivo.

Ela. — Não lhe ha-de durar muito tempo, êsse branco. Eles fatigam-se apressadamente da nossa companhia. O último branco que me amou... por espaço de dez minutos, ao deixar-me, chamou-me o cofre negro da sua ironia e do seu desprezo.

Ele. — Tu, comprehendes as palavras como se elas fossem alfinetes, e as pobresinhas nem sequer fazem sangue... Os homens brancos são, na generalidade, uns irresponsaveis nas suas atitudes amorosas. Estão fardados de preconceitos...

Ela. — E o nosso amôr vale mais, pela sinceridade, que os dos brancos. E' tão sincero como a Africa selvagem, que desdenha do carimim. As pretas não se pintam para mascarar o coração...

Ele. — Não desanimes. As mulheres negras serão as mulheres do futuro.

Ela. — No dia em que se der o choque das raças?

Ele. — Um pouco mais cedo... No dia em que o homem branco reconhecer que a mulher da tua côr tem sobre a mulher branca a vantagem de não arruinar fortunas em «rouge» e «baton».

Ela. — Talvez que isso seja uma verdade quando os homens brancos tiverem em grande apreço a honra do seu nome...

Ele. — Há pelo menos um, que eu conheço, e que indica o caminho aos outros.

Ela. — Um excentrico, um viciado?

Ele. — Não. Um homem de trabalho. Um homem previdente... Sou eu...

Ela. — Tu? Tu, inconfundivelmente, preto, como eu!?

Ele. — Preto, agora. Precisei ganhar a vida, e falsifiquei a minha côr, para me fazer pagar melhor. Sou um branco pintado de preto. Amanhã, só de dia, tiro a máscara. Volto a sêr branco.

Ela. — Para ligares a tua vida á de uma mulher branca?

Ele. — Para te agradar. Para te mostrar que há um branco ajuizado que prefere uma mulher negra a uma mulher branca.

Ela. — Ah!, então não mudes de côr. Não deixes de sêr preto, — embora sejas branco. Tenho tão pouca confiança nos homens brancos, nos homens da tua raça, que temo que os meus olhos, quando te virem todo branco, não possam acreditar que o teu amôr seja uma verdade...

.....

Guedes de Amorim

Como eu descobri a Inglaterra

A CITY NOCTURNA

DIZEM que Londres é triste. Talvez, mas só para aqueles que a viram numa tarde cinzenta e de chuva, ou a percorreriam com alma tristonha e nostálgica. De Londres eu trouxe e guardo ainda comigo uma impressão de deslumbramento e creio que ela jãmais se apagará da minha saudade e do meu coração. Impressão grata — em que a saudade é gostosa. Se a paisagem, como disse Amiel, é um estado de alma, nós sempre que viajarmos, devemos levar a alma como uma chapa fotografica que ainda não foi impressionada — para que uma paisagem nova ou uma cidade estrangeira, as vejamos apenas, e mais acertadamente, no melhor do seu aspecto, se, por qualquer motivo, não pudermos, o que seria preferível, adivinhar, possuir e desnudar a sua alma interior, o segredo da sua vida e da sua beleza.

Pode ser que Londres seja uma cidade triste, mas os meus olhos não a viram assim, porque a Londres que eu guardo ainda na minha memória é uma Londres buliçosa, elegante, que sabe viver, e que criou uma alegria, ruidosa por vezes, mas sempre sincera.

A traços largos, descrevi a Londres elegante e curiosa, á tarde, no movimento apressado e febril, mas metódico das suas ruas, e na beleza perturbante e saudável das suas mulheres. Tentarei descrever também a City nocturna.

Uma cidade interessante é aquela que varia de hora para hora, que nunca é a mesma, que nunca se repete. Londres consegue esse milagre de multiplicação de aspectos. Londres ás 6 horas da manhã é digna de ser vista, principalmente no Covent Garden. E' a hora dos mercados, a hora do fornecimento da alimentação do monstruoso ventre de Londres, e também a hora em que se vende mais flores, como se estas fossem também um alimento imprescindível da vista e do olfato. E ás nove horas — a City toma outro aspecto. O movimento nas ruas vae aumentando — e quem quizer vêr as raparigas mais lindas de Londres é entrar nos *buses* e nos electricos, que aí as encontrará, frescas e elegantes. São as empregadas de commercio que se dirigem aos seus escritorios, onde vão dar alegria, mocidade e beleza ao trabalho, que por elas e com elas deixa de ser um sacrificio pesado para se tornar um prazer absorvente... Depois, á tarde, pelas cinco horas, Londres toma chá. E' a hora da elegancia e da distincão, porque tomar chá é uma função espiritual e superior, um pretexto para se conversar com alegria e espirito na presença adoravel duma mulher bonita.

Correm as horas, num ritmo dôce e lento, e a noite chega, deslumbrante, maravilhosa, apoteótica, a noite de encantamento e misterio, que desperta em nós um outro sentido da vida, uma outra alma, uma outra sensibilidade.

Londres, á noite, no esplendôr do seu movimento, das suas elegancias e da sua iluminação, chega a atordoar-nos. Os inglêses, aprumados e graves durante o dia, são mais elegantes, mais risonhos, mais comunicativos durante a noite. O inglês afinal é uma creatura inteligentemente serio, que toma tudo a serio, o trabalho e o prazer. E como pode sêr triste um povo que inventou os *clowns*?

E' á noite que nós vamos encontrar nas ruas da City — a alma alegre de Londres, essa alma alegre e comunicativa que parece palpitar em todas as coisas.

A iluminação da City!

As côres todas do arco-iris, em lindas e fantásticas combinações — irradiam e faiscam das vitrines dos estabelecimentos, dos cartazes luminosos, que são verdadeiras obras primas de engenharia electrica, dos placards originaes dos grandes quotidianos.

E' quasi um scenario irreal aquele que eu vi e que ainda agora estou vendo deante dos meus olhos. Não me engano — tenho agora diante de mim essa minha primeira noite de Londres. O ceu é ainda o mesmo. Um ceu alto e muito azul, onde não me lembro de ter visto estrelas. Onde estariam elas? Ou o azul do ceu tê-las-ia afogado na intensidade da sua côr — ou a iluminação multicolor e fantastica da City as teria ofuscado. Talvez nem eu tivesse reparado nelas. Não sei. Mas é um ceu alto e profundo, espesso, bem tintado a azul ferrete, que no kodak impressivo da minha saudade, estou vendo ainda. E nesta hora em que revivo outra hora, a mim mesmo pergunto porque é que eu, e porque é que todos nós nunca deixamos de olhar o ceu, sempre que na terra uma impressão melhor nos perturba a alma?

Dizem que a noite tem uma alma e essa alma senti-a, palpei-a no seu misterio e na sua seducção!

Os scenarios dos music-halls teem menos fantasia e menos luz que a City á noite, essa City esplendorosa, iluminada como para uma festa extranha de deusas mitologicas, essa City de cartazes berrantes, toda ela cheia de campainhas e buzinas, de que resulta o mais original jazz-band que eu tenho ouvido. Oh! a City á noite, toda incendiada a luz electrica, arco-iris fantastico — que nenhum scenógrafo será capaz de reproduzir!

O incendio de Roma, se hoje se repetisse, prôvocaria o bocejo dos espectadores, e Nero seria pateado por não conhecer a moderna engenharia electrica.

A *City* assim á noite é um grande *music-hall* em que todos os espectadores são obrigados a ser figurantes.

A Londres comercial, a Londres vertiginosa que nós vemos atarefada e seria durante o dia — desaparece nestas horas da noite — e os restaurantes, floridos, iluminados a *giorno*, povoam-se ruidosamente de gente de todas as idades, mas que, por milagre ou por feitiçaria das orquestras e das luzes — sentem todos bater — elas e eles, não importa mesmo os cabelos brancos — um coração de vinte anos, des preocupado e feliz!

E o *Strand*, o *Piccadilly* e a *Regent Street* povoam-se das mulheres mais lindas de Londres e é facil descobrir em muitas delas a beleza correcta e dominadora do tipo judaico.

São extraordinarias e perturbadoras estas mulheres, como se trouxessem consigo, no brilho inquieto dos seus olhos e no ritmo musical do seus passos, a alma, a graça e a sedução das deusas do Olimpo, quando Venus imperava e Jupiter obedecia.

Oh! alma nocturna da *City*, faiscante e ruidosa, riscada a vermelho, a azul, a amarelo e a verde, e cortada estridulamente com as buzinas e as campainhas dos carros e dos taxis — vives ainda, encantadamente, dentro da minha alma!

(Do livro a sair "O Mundo das Imagens")

R E B E L O D E B E T T E N C O U R T




■ Não deixe de lêr: ■

O Diabo, Mestre de Dança

— D E —

Luis d'Oliveira Gulmarães

Livro que tem o sabor dos pecados de Eva

Preço  7\$50

Campanhas Camilianas

— POR —

Cruz Magalhães

— E —

Oldemiro César

Preço  4\$00

Pedidos à COOPERATIVA EDITORA «RESSURGIMENTO» T. André Valente, 7-1.º E.

LISBOA

FORNECEMOS TODOS OS LIVROS COM 10 % DE DESCONTO

Eduardo Guerra

AFINAÇÃO E COMPRA DE PIANOS
LIÇÕES DE SOLFEJO

E

V i o l i n o

RUA ERNESTO DA SILVA, B - 1.º D.º
≈ ≈ ≈ BAIRRO NOVO — ALGÉS ≈ ≈ ≈

ROYAL-PHOTO

Atelier de Arte Fotográfica

SANTOS & RAPOSO, L.ª

Grand Prix

Exposição

Int. do Rio

de 1923

Rua do Carmo, 55 — 1.º (AO CHIADO)

L I S B O A

A A R T E E O R I S O



(CONTINUAÇÃO)

João Baptiste Verduc, na sua *Pathologie de Chirurgie*, que entre nós obteve alguma voga no ensino médico do século XVIII, occupa-se do riso sardónico, cujo nome evoca o *Ranunculus sceleratus* e do riso canino, assim chamado porque a bôca se contorce, no dizer do autor, de modo que os lábios avançam um tanto como os dos cães de caça. Menciona tremores dos lábios, provenientes de escorbuto e irritações da faringe, observados também em febres ardentes malignas, e, para etiologia dos dois risos, apresenta as contusões e ferimentos do diafragma, as feridas dos nervos e músculos dos maxilares e da bôca, entre considerações sobre os «humores» e os «espíritos animais dos músculos da face».

Quanto ao valor do riso, em suas relações com a prognose, resulta do exposto depender logicamente da natureza das doenças a que aparece associado na condição de sintoma. O Mestre de Cós, em seus *Aforismos* liv. VI n.º 53, considera os delírios acompanhados do riso do mais favorável augúrio que os manifestos na exteriorização de preocupada tristeza, parecer rejeitado por Galeno, para quem não havia delírios de bom e seguro prognóstico.

Companheiro assíduo do prazer e alegria, não desampara, no entanto, a dor e chega até a abrir caminho à própria morte. Por noite fria de inverno fui chamado a assistir a uma cardio-renal, a quem um acesso convulso de riso após a ceia, determinára edema agudo do pulmão que de pronto a fulminou.

As comoções da alegria, quando excessiva, não deixam de ser fatais, conforme o demonstram os exemplos citados nas notas de Frank à obra de Roberto Jonnes, apenas aos *Elementos de Medicina* do Dr. João Brown pelo médico Don Joaquin Serrano Manzano, em sua versão espanhola, precedida de comentários críticos à doutrina de Descartes e da tradução da lógica de Mr. Marsais, inserta na *Enciclopédia*. Ali se recordam os casos do espartano Quilon que morrera de alegria ao abraçar o filho vencedor nos jogos olímpicos e os de duas matronas romanas que caíram mortalmente sideradas pela súbita comoção de contemplarem os filhos que regressavam salvos das batalhas de Trasimena e de Canas.

Mas se o riso, como alegria intensa, algumas vezes impele o género humano à morte, muitas mais o transporta à vida, libertando de penosos cuidados e atormentadores achaques, e tão sugestivas observações a este propósito, guiaram alguns clínicos a instituir até a terapêutica pelo riso.

Hipócrates, que doutamente versou os efeitos das paixões sobre as doenças e preconizara as vantagens da sua aplicação terapêutica, praticada com reflectida prudência (*De Humor.*), ao passo que salientava o valor da cólera e outras vezes do temor, avançando que este havia curado enfermidades «superiores a tôdas as tentativas da arte» (*Epidem. lib. 6*) reconhecia a alegria bemsfazeja na môr parte dos sofrimentos humanos. E Galeno assevera que numerosos enfermos maior soma de benefícos deveram à salutar disposição de jovialidade que ao emprêgo e eficácia de medicamentos.

Continuando a tradição da medicina grega, Ambrósio Pareu, Sanctório, Mackensie, e vários autores, referiram curas operadas sob a influência da alegria, discriminadamente, em febres intermitentes, icterícia, escorbuto, escrófulas e parilísias.

Pechlin descreve que achando-se um joven, em consequência de ferida profunda do torax, em estado cuja gravidade fizera desesperar dos recursos da medicina, ao surpreender à frouxa luz do quarto o semblante do joven amigo que se deixará cair de sono aos pés do leito, caracterizado com negro de fumo, por arte e capricho dos companheiros mais crescidos e vigilantes, foi acometido de tão forte ataque de riso que lhe extravasou pela ferida aberta cêrca de um litro de sangue e a breve praso lhe proporcionou o regresso á saude perdida.

Até a obstetricia lhe celebra as vantagens, tornado o riso favorito parceiro da deusa grega Ilítia — a parteira, adorada pelos romanos como nome de Lucina, — citando-se casos em que, mediante o seu império, as dores maternas se reinstalaram para gáudio e desafôgo de comadres.

Referem-se exemplos de vômicas salvadoras consecutivas a pleurísias purulentas por virtude do riso, e, entre outros, assinala-se o de Erasmo a quem a leitura das Cartas dos Homens-obscuros, libertara, num irreprimível acesso de riso, da grave doença que penosamente o atormentava.

Diz-se que duma terçã rebelde Corúgio ficou sarado, mercê do alegre prazer da conversação de Meibômio. Tissot, segundo declara, colhera várias observações demonstrativas dos benéficos resultados do riso provocado pelas cócegas em criaturas tristes, pálidas e raquíticas.

O Dr. Descuret ufana-se dos triunfos obtidos por intermédio dêste prazenteiro recurso

terapêutico, que lamentava ver esquecido, e, sobremaneira encarece-lhe os resultados nas engor-gitações linfáticas, rebeldes a infinitos remédios internos e externos.

Convencido da eficácia do tratamento, na sua clínica adoptava a seguinte técnica: estira-dos os doentes no leito, e desguarnecidos por completo do vestuário, fora das horas de activi-dade digestiva, iniciava um jogo simulado de lhes fazer cócegas, enquanto isso bastava para lhes determinar eficazes expansões de alacridade.

Procedia ao divertido exercício de manhã e á tarde, por espaço de alguns minutos, e de-clarava constatar, ao fim de quinze a vinte dias, melhora considerável do estado geral, aspe-cto da pele e colorido particular do semblante, acentuando que se tornava a fisionomia mais ale-gre e animada. Esta prática curiosa beneficiava, em resumo, das vantagens de uma gymnástica respiratória, aqui realizada pelos caprichos discricionários do riso.

O autor recomendava, entretanto, grande prudência no emprêgo deste método de trata-to, frisava a sua contra-indicação nas enfermidades agudas, hérnias, fracturas e feridas, em geral, e declarava judiciosamente que só devia ser prescrito na certeza de não originar nenhu-ma reacção desfavorável. E, finalmente, Rabelais, que soube como raros provocar o riso, in-vestido na autoridade que lhe abonava a sua condição de médico, professor de anatomia, e, mais tarde, Cura de Meudon, defendia-o, attribuindo-lhe propriedades de higiênico e desintoxicante—*tout à l'aise du corps et au profit des reins.*



As multimodas camblantes do riso acham-se expressas, por entre documentos arqueológi-cos e etnográficos, no dádioso repositório das manifestações artísticas dos povos.

Atributo humano, fixado mediante diversificados processos na história das civilizações, pervaga expansivo em meio das florescências das artes plásticas e decorativas, aflora de entre as produções lterárlas, paira, numa fugaz animação scénica, no tablado dos teatros, onde se espiritualiza, ás vezes em expressão musical, de recatada modalidade gráfica, transfigura-se sob vigoroso alento, nas formas de amplitude vária no colorido e relêvo da pintura e da escul-tura e, por fim, como tomado de cansaço das vertigens mandanas, acolhe-se, na condição de elemento simbóllco e decorativo de contingente valor, envolto no côro de místicas idealidades, à sombra discreta dos templos ou catedrais.

Através de sua inconstante e volúvel fortuna, viu-se exalçado á apoteose de um culto, tendo a antiguidade investido, a par dos jogos, entre as divindades que presidlam á alegria.

Com as homenagens imprescritíveis de um ritual, encontra a sua figuração vlyamente ex-pressiva, consagrada entre os povos orientais, em particular na arte chinesa e japonesa, em cujas máscaras o riso se movimenta em prodígios de mímica, a traduzir desde a nota subtil de ironia ou scepticismo ao desabrido alvorôço satânico.

Riram os latinos a bom rir, no teatro, pela ode, pela sátira e pelo epigrama, sob a su-gestão da vis comica dos seus artistas, desde Plauto a Catulo, e de Juvenal a Petrónio e Mar-cial, e, como lhes não bastasse o ridere e os seus derivados deridere e irridere, adoptaram o ca-chinnari, donde o nosso cachinar ou casquinar de gargalhadas.

Ao filósofo e romancista Apuleu, o autor do Burro de Ouro, se deve a frase, rigorosa na acepção, com que se engalanaram publicistas bem posteriores ao século II: *Homo est animal ca-chinnabilis.*

Hordclo havia perfilhado o riso como processo lícito de revelar a verdade: *Ridentem di-cere verum, quid vetat? Porêm, um século antes da nossa era, Públio Siro, perspicaz devassa-dor da consciência humana, surpreêndera-o até mesmo dissimulado debaixo do orvalho das lá-grimas, na sua frase lapidar Heredis fletus sub persona risus est.*

Gosta a valer de rir a gente da velha Gália, e sem aludir ao riso espiritual do escol de seus filósofos e artistas, entre os quais merece recordar-se Baudelaire com o seu estudo *De l'es-sence du rire et du comique dans les arts plastiques*, inserto no *Tom. II des Oeuvres Completes* — a sua linguagem trai as gamas do riso popular nas expressões: *rire aux éclats, rire du bout des dents, rire des lèvres, mourir ou crêver de rire,* e *rire á gorge déployée.*

Embora com o riso mais gutural, o lachen, o spotten, e derivados, não deixam tambem de rir o bastante os germanos, embora talvez mais ingénuos e menos satânicos, na hilaridade. E sobejamente documentam a tendência ao risível em locuções populares equivalentes, na litera-tura, nas belas artes e na fecundidade dos seus caricaturistas, sendo elucidativa quanto ao culto do cómico a *Die Komische Bibliothek*, onde entre os *Sieben Bücher des Lachens volljovialen Frohsinns und grotesker Laune*, figura como estudo sobre o riso do gótico *Die Masken von Rheims*, e em que o riso germânico aparece combinado ao francês, desde o de Rabelais e Callot ao comentado por Baudelaire e ao ilustrado por Gustavo Doré.

Quanto aos meridionais, o riso, no italiano mais sensual e lírico e no espanhol mais so-noroso e altaneiro, immortalizados nos génios de Bocácio e de Cervantes, encontra larga contri-buição entre a gente lusitana.

ARLINDO CAMILO MONTEIRO

Províncias -- Ilhas -- Colónias

IMPRESSÕES DUMA VIAGEM AOS AÇORES

Ilha de S. Miguel — 18, 19 e 20 de Setembro.

O amanhecer do dia 18 foi auspicioso, fazendo desabrochar no nosso espirito as mimosas flores que dentro em pouco iriamos colher no viçoso jardim da Ilha de S. Miguel. Desde os primeiros alvares da madrugada, estamos observando os contornos desta Ilha tão pitoresca. E' Domingo. Tudo nos infunde poesia, devaneio, espiritualidade; o firmamento, dum azul purissimo; o ceu, muito limpido sobre o oceano, apresentando, no entanto, pequenos flocos de nuvens brancas sobre a cidade e o magnifico porto de Ponta Delgada.

A' entrada no porto recebemos uma agradabilissima impressão, pela sua amplitude e boas condições de abrigo e pela disposição panorâmica da cidade de Ponta Delgada, que se nos afigura, como depois tivemos ensejo de verificar, uma esplendida cidade, com bastante movimento, conforto e asseio. Já não apresenta características tão definidas como as outras terras que visitamos. Nem tamanha uniformidade de estilos, como em Angra, onde tudo nos fala do passado, nem a sua extrema diversidade, como na Horta, devido á manifesta influencia das colonias estrangeiras. Estas três cidades são bastante diferentes, não só no seu aspecto exterior como no modo de ser dos seus habitantes.

Em Ponta Delgada nota-se mais a febre do negocio, e, por toda a Ilha, o povo é extremamente laborioso, conquistando, palmo a palmo, o terreno para as culturas ricas do ananaz, tabaco, chá, beterraba, etc.

Não me sendo possivel descrever aqui todas as impressões, e apontamentos colhidos em Ponta Delgada e nos magnificos passeios ás Furnas e á Lagôa das Sete Cidades, eu quero, ao menos, registar as principais atenções com que os distintos Micaelenses me quizeram brindar.

Mal desembarquei tive a fortuna de me dirigir ao Sr. Victor Cruz, cuja dedicação e solicitude não tiveram limites. Não sei qual era maior, se o meu anseio de ver, pesquisar e ficar a conhecer tudo (no limitadissimo tempo de que dispunha), se o seu desejo de me pôr ao facto de todos os progressos, de todas as belezas e prodigiosos encantos desta Ilha abençoada, que é todo o seu enlevo e justificado orgulho.

Um encontro inesperado com o Dr. Jacinto Botelho Viveiros, meu amigo e contemporaneo na Faculdade de Direito de Lisboa, proporcionou-me o feliz ensejo de ser apresentado ao Ilustre Director do «Correio dos Açores», Sr. Dr. José Bruno Carreiro, intelligencia privilegiada que tão de-

nodadamente se tem dedicado, não apenas ao engrandecimento da prodigiosa Ilha de S. Miguel, mas tambem a uma vasta obra de regionalismo e propaganda açoreana. O Sr. João de Simas, Redactor principal do «Correio dos Açores», foi tambem para comigo duma gentileza cativante, oferecendo-me dois exemplares das «Saudades da Terra», de Gaspar Frutuoso, sobre a historia da Ilha de São Miguel. E bem assim me ofereceu vários exemplares do «Correio dos Açores», em que se presta homenagem aos açoreanos mais ilustres, como Antero de Quental, o coronel Francisco Afonso Chaves, etc.

Pelas amabilissimas palavras, aliás imerecidas, com que me distinguiram, no «Correio dos Açores», e por todas as deferencias que recebi desejo expressar o meu profundo reconhecimento.

Nas «Furnas» tive, tambem, uma surpresa agradabilissima, o encontro do colega e amigo, Dr. Guilherme de Moraes, que eu conhecia dos trabalhos da Federação Academica de Lisboa. Afinal, havia de encontrar em cada terra, pelo menos, um colega e amigo que me recebesse de braços abertos e me fizesse as honras da terra. E neste local das «Furnas», onde a nossa imaginação se deixa embriagar da belesa mais surpreendente, só uma alma gemea da nossa pode servir-nos, cabalmente, de cicerone.

E para o fim reservei, de propósito, o nome do Dr. José Oliveira San-Bento, velho amigo, companheiro de estudo e apostolo do Ressurgimento Nacional. Mal soube da minha visita, correu a dar-me um grande abraço e nunca mais deixou de me proporcionar todas as oportunidades para eu adquirir de relance, nos poucos momentos que me restavam, uma ideia quanto possível exacta desta radiosa Terra e da sua hospitaleira Gente. A nossa amizade tinha nascido na convivencia do estudo e afervorara-se na propaganda patriótica, levada a efeito pelo *Nucleo do Ressurgimento Nacional*, onde se foram alistar, voluntariamente, estudantes dos mais distintos pela intelligencia e pelo character. Gratissimo havia de ser, pois, este nosso encontro. E, para mim, constituiu um motivo da mais emocionante recordação a oferta da sua excelente peça dramatica «O Velho do Restelo», que foi concebida nesses felizes tempos da nossa mocidade. Se é certo que a felicidade, na expressão dum grande pensador, é o sonho da juventude, realizando mais tarde na idade adulta, Oliveira San-Bento não pode deixar de ser feliz. Eu assisti aos saudosos momentos da concepção desta obra literaria, cheia de belesa e de patriotismo. Estava-se procedendo á mais extraordinaria comemoração nacional de que ha

O TEATRO

Araujo Pereira

Alguns amigos e discipulos deste já glorioso encenador, vão dedicar-lhe uma festa, que realizarão no Teatro Gimnásio, no dia 25 do corrente, festa que esperamos marque o início duma grande e oportuna campanha de ressurgimento do Teatro português.

Araujo Pereira é, de facto, uma das figuras de mais competência técnica e autoridade moral, para que em sua volta se engrosse o clamor dos que ainda confiam esperançosos na reabilitação do teatro. Toda a sua vida tem sido, realmente, imolada a êsse objectivo; e não se tem os seus sacrifícios limitado a dispêndios materiais e privações de comodidades, êles tem ido ao ponto de lhe atingir a própria saúde.

A «Alma Nova» enfileira, por isso, com entusiasmo, ao lado dos que, confiados no seu saber e na sua nobre dedicação pelo teatro, esperam ver êste ressurgir ainda das trevas de desinteresse em que vai definhando.

Teatro e Cinema

Eduardo Scarlatti, velho colaborador da «Alma Nova», autor dum curioso volume de impressões críticas a que modestamente pôs o título de *Ideias de Outros*, acaba de mostrar que também tem ideias, e das mais dignas de serem meditadas, com a recente publicação, no *Diário de Notícias*, de um artigo com o título que encima esta nota. No momento em que se procura lançar aos quatro ventos da publicidade o grito de «Salvemos o Teatro», artigos como os do tenente Scarlatti, são mais do que oportunos, são indispensáveis.

Os nossos parabens.

Crítica Teatral

Antonio Ferro, velho amigo e um dos autênticos valores da actual geração, não só como escritor e poeta mas como jornalista e dramaturgo, teve recentemente a sua consagração de *Crítico Teatral* num «Almoço de Homenagem».

Não tendo podido fazê-lo, no momento oportuno, daqui apoiamos, todavia, algumas das afirmações do seu belo discurso, em que não se limitou a agradecer todas as manifestações de que foi alvo, mas a precisar deveres do critico teatral, que bem necessário seria que todos aca-tassem como verdadeira doutrina.

Figuras da Scena



ROBLES MONTEIRO,

actor e empresario dos mais cultos e equilibrados na vida da ribalta e que á frente do "Trindade", com a brilhante Amélia Rey Colaço, sua esposa, e Nascimento Fernandes, completa a trindade mais querida das nossas plateias.

Cartaz do Mês

AVENIDA — Companhia Satanela - Amaran-te: Agua-Pé.

TRINDADE — C.^a Robles Monteiro - Amélia Rey Colaço.

GIMNÁSIO — Palmira Bastos-Alexandre de Azevedo.

EDEN — Revista «Cabaz de Morangos».

MARIA VICTORIA — Revista «Jorge, o Cadete».

VARIEDADES — Revista «Fado Liró».

SALÃO FOZ — Revista e Cinema.

S. LUIS, TIVOLI e ODEON, são inegavelmente os melhores salões cinematográficos, não só de Lisboa, mas do país. Eles rivalisam bem com qualquer casa do género estrangeira. Nota-se ai um conforto, uma elegancia e por vezes uma distinção, que bem se vê que há o proposito de impô-los á simpatia do publico.

Os outros salões: *POLITEAMA, CONDES, OLIMPIA, CENTRAL e TERRASSE*, igualmente primam pelo respeito as comodidades do espectador e selecção dos films.



ACTUALIDADES



Figuras e Factos



O talentoso escritor portuense Guedes de Amorim, que começa desde hoje a dar-nos a sua assídua colaboração.



Julião Quintinha, talentoso escritor e jornalista, que à frente do "Jornal da Europa" está desenvolvendo uma útil e consciente propaganda do nosso Império Colonial, que percorreu.



DR. AYALA MONTEIRO
Culto Advogado e Director do "Jornal da Europa".



DR. ARMANDO CORTEZÃO
Esforçado Director da Agência Geral das Colónias.

D E S E J A

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

B A R A T O S

?

Faça-se sócio da Cooperativa Editora
O RESSURGIMENTO O
T. d'André Valente, 7—1.º E.—LISBOA
Sócios de consumo: 1 Acção anual de 20 Esc.
Sócios de interesse: Titulos de 25 Acções.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**D i r e i t o
P o r t u g u ê s**

E

B R A S I L E I R O

Manuel Gomes dos Santos

(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

Rua da Victória, 53 — 3.º

Telefone—C. 3156

L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**F r a g o s o
F e r n a n d e s**

Advogado



RUA DO CRUCIFIXO, 75-1.º



TELEFONE C. 310



L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX